

**Entrevistadora:** Muito obrigada por sua participação neste projeto. A meta deste questionário é produzir uma narrativa coerente e detalhada de sua história. Então, eu recomendo que você se sinta livre para falar o que você quiser, sem ter preocupação em falar com profundidade. Isso é o que nós queremos. Diga-me sobre seu lugar de nascimento e como era esse lugar e as pessoas que moravam lá.

**Entrevistada:** [ininteligível 00:00:46] no caso, onde eu nasci, essas coisas. Em Salvador, bairro Pau Miúdo. Não lembro muito bem, não. Faz muito tempo. Conheci algumas pessoas, mas que já fugiu da memória, da lembrança. Não lembro mais. A recordação acho que bem pouca.

**Entrevistadora:** Como foi quando você foi criança? Quais são suas memórias mais bonitas?

**Entrevistada:** Eu fui uma menina muito levada. Apanhei muito também. Também não tenho nada muito bom. Trabalhei muito, como trabalho até hoje. Comecei cedo e estou até hoje. Família humilde, tinha que trabalhar mesmo.

**Entrevistadora:** Você lembra algum jogo, passatempo, brincadeira em particular que você costumava jogar?

**Entrevistada:** Brincava muito de fazer roupa de boneca. [risos]

**Entrevistadora:** O que é?

**Entrevistada:** É costurar. Dava uma de costureira. Gostava muito também de desenhar, depois isso aí com o tempo foi passando.

**Entrevistadora:** Fale sobre seus pais e avós. De onde eles eram?

**Entrevistada:** Meus pais eram do interior, minha avó também. Eu só conheci minha avó materna, que era muito legal, gostei-- Uma pessoa excelente. Meu pai também. [ininteligível 00:02:39]. A minha mãe [ininteligível 00:02:39].

**Entrevistadora:** Quais eram suas profissões ou trabalhos?

**Entrevistada:** Fui doméstica durante muito tempo, trabalhei em casa de família, não como babá, mas sim como arrumadeira.

**Entrevistadora:** E a profissão de seu pai e mãe?

**Entrevistada:** Meu pai era encanador da Embasa, onde é a Embasa hoje. É que antigamente era [ininteligível 00:03:05], e depois mudou para COMAE, e hoje em dia é a Embasa. Trabalhou muitos anos lá. E minha mãe sempre foi dona de casa.

**Entrevistadora:** O que você lembra de seus pais e avós? O que você lembra que eles faziam, comiam, bebiam ou falavam?

File name: VFOA Brazil M dG.MP3

**Entrevistada:** Tinha muito assim- que coisa não, porque, como é que diz, o meu pai, no tempo dele, era mais trabalho. Então a gente tinha uma vida muito difícil, não tinha assim muito o que escolher. Tinha que dar um pouquinho de graças a Deus quando tinha alguma coisa para a gente comer, então não tinha muita preferência não.

**Entrevistadora:** Como era o Pelourinho quando você era criança?

**Entrevistada:** Bom, o Pelourinho, aí eu já não me lembro, que eu não frequentei ele na minha infância. Eu estou passando a coisar o Pelourinho há poucos anos, depois que eu comecei a trabalhar com acarajé.

**Entrevistadora:** E você lembra como era trabalhar em sua profissão quando você era criança?

**Entrevistada:** A minha profissão quando eu era criança?

**Entrevistadora:** Sim.

**Entrevistada:** Não, porque, como é que diz, quando eu comecei a trabalhar, foi o quê? Foi dos meus 10 anos em diante foi que eu comecei a trabalhar.

**Entrevistadora:** Como você aprendeu a cozinhar?

**Entrevistada:** Até hoje, eu ainda não aprendi. [risos] O que eu não sei é cozinhar. Tapeio algumas coisas, mas não sei.

**Entrevistadora:** Você gosta de comer?

**Entrevistada:** Gosto.

**Entrevistadora:** Quais são suas comidas preferidas?

**Entrevistada:** A minha preferida mesmo é arroz, bife e batata frita, e salada de alface.

**Entrevistadora:** E você pode compartilhar uma receita conosco?

**Entrevistada:** Como? Receita, como assim, tipo o quê? Para eu passar uma receita para você? Hi, está difícil. [ri] Ai, agora deixa eu ver. Meu Deus. De comida? Comida, comida, comida, comida. Deixa eu ver. Poxa, é difícil para mim agora, porque eu sou péssima na cozinha, um horror. Ai, deixa eu ver. O que que eu poderia te indicar para cozinhar? Talvez, eu acho, uma feijoada, talvez. Também não garanto muito, não.

**Entrevistadora:** Você cozinha também em sua casa?

**Entrevistada:** Cozinheiro, mas é pouca coisa que eu faço, é bife, galinha, peixe, uma vez a outra, porque o pessoal lá não são muito chegados, e feijão. Feijão eu faço constantemente. Macarrão também uma vez ou outra.

**Entrevistadora:** Você gosta da música?

**Entrevistada:** Gosto.

**Entrevistadora:** Que tipo de música você prefere?

**Entrevistada:** Eu gosto mais de música romântica. Esse negócio de pagode, essas coisas não gosto muito, não. Só romântica.

**Entrevistadora:** Você pode cantar-

**Entrevistada:** Ah, não.

**Entrevistadora:** -uma canção romântica?

**Entrevistada:** [ri] Não. Aí, não. Sou péssima cantando.

**Entrevistadora:** Qual é seu provérbio preferido?

**Entrevistada:** Que tipo de provérbio? Que tipo de provérbio?

**Entrevistadora:** Uma frase, expressão.

**Entrevistada:** Expressão, deixa ver. Eu acho-- Ah, bom- ai, meu Deus. É assim, são tantas que no momento eu-- Eu tenho mania de dizer, não sei se é a coisa, quando eu estou muito irritada, às vezes eu falo que: "Nada após um dia ao outro." É o que eu costumo falar sempre. É isso aí.

**Entrevistadora:** Qual religião você pratica?

**Entrevistada:** Sou católica.

**Entrevistadora:** E que tão importante é a religião para você?

**Entrevistada:** O importante para mim da religião é você confiar em Deus, ter muita fé n'Ele e tentar não cair em tentação. Para mim é isso aí.

**Entrevistadora:** Existe uma ligação entre o que você faz e sua religião? Você incorpora suas crenças religiosas na sua profissão?

**Entrevistada:** Não, não, não, não. Como é que diz? Meu meio de trabalho, de sobrevivência aí não entra. Não entra nada, não. Só sair de casa, chamar por Deus e pedir para que tudo dê certo.

**Entrevistadora:** Pode descrever qual é sua parte preferida de seu serviço religioso?

**Entrevistada:** Na minha religião eu não costumo frequentar igreja. Uma vez na vida, quando dá uma coisa assim, que eu vou, não é sempre, é de vez em quando que eu vou, mas não gosto quando fica os crente, é que às vezes a pessoa está ocupada. Aí, fica aquele pessoal, não tenho nada contra, mas também não gosto. O Testemunha de Jeová e vai na porta, quer-- Para eles, o Deus deles é um, o nosso é outro. E para mim Deus é um só. Eu não gosto muito.

**Entrevistadora:** Qual é o nome de sua profissão ou trabalho?

**Entrevistada:** Olha, eu sou Baiana. A profissão é Baiana de Acarajé.

**Entrevistadora:** E o que você pensa sobre sua profissão ou trabalho?

**Entrevistada:** Acho que eu penso que é um trabalho muito sacrificado que você dá tudo de si para conseguir e não é reconhecida no seu local de trabalho. Ninguém valoriza seu trabalho. São poucas as pessoas que chega a dar um valor que uma Baiana de Acarajé merece, precisa.

**Entrevistadora:** Como você começou a trabalhar nesta profissão?

**Entrevistada:** Como eu comecei? Olha, no início eu não aceitava muito. Eu sempre falava que vender acarajé não era a minha, não gostava, não era a minha praia. Mas depois com o dia a dia, não tinha outro meio de sobrevivência mesmo. Estudei pouco, então achei que o acarajé seria a solução. Aí comecei a trabalhar aos pouquinhos. No início eu não levava nem muito a sério, depois eu abracei como uma profissão e estou até hoje.

**Entrevistadora:** Quanto tempo faz que você trabalha nesta área? O Pelourinho.

**Entrevistada:** No Pelourinho tem uns 15 a 16 anos, mais ou menos isso. Porque eu comecei trabalhar ali na ponta e estou aqui. Dentro do Pelourinho mesmo trabalhei não. Só aqui mesmo nessa área.

**Entrevistadora:** Que coisas você gosta de trabalhar aqui?

**Entrevistada:** Por que que eu gosto? Eu me divirto aqui com as pessoas, já estou aqui há muito tempo, tem muita gente, pessoas que eu conheço então eu gosto de trabalhar aqui. Não tenho nada contra não.

**Entrevistadora:** De que coisas você não gosta de trabalhar aqui?

**Entrevistada:** Por que eu não gosto? Os meninos que não respeita as pessoas. Agora esses tempos até que aliviou mais. Chega uma pessoa de fora, ou até daqui mesmo para comprar, aí o que acontece? Vêm os meninos, fica praticamente abordando as pessoas para que dê as coisas. Quando não dá, fica insistindo, às

vezes um reclama. Também não posso reclamar muito porque eu que estou aqui no dia a dia. A pessoa chega, vai embora e eu que estou aqui todo o dia.

Aí eles não gostam, xinga. Às vezes espera a pessoa sair, ataca na rua. Essas coisas que eu não gosto daqui. E você procura uma autoridade, procura um policial o qual você possa fazer queixa ou que venha a chamar para que tire aquela pessoa daquela situação, não encontra. É essa a reclamação que eu tenho daqui.

**Entrevistadora:** Você trabalhou num outro lugar?

**Entrevistada:** Trabalhei. Eu já trabalhei no Porto, na Barra. Já trabalhei no Porto, trabalhei no Farol. Trabalhei no Porto da Barra, trabalhei no Iguatemi. Já trabalhei no Rio Vermelho, na Pituba e agora eu estou aqui. Aqui foi o lugar que eu mais fiquei. No outro lugar eu só passei um tempo. E aqui eu estou mais ou menos. Aqui é o meu local de trabalho.

**Entrevistadora:** Que coisas você gosta de sua profissão?

**Entrevistada:** O que eu gosto é isso, é do coisa mesmo. A vestimenta eu não gosto muito não. Eu uso porque eu tenho que usar mesmo, mas não gosto. O meu tabuleiro arrumadinho, bonitinho, isso aí eu gosto.

**Entrevistadora:** Não gosta [inaudível 00:03:53]

**Entrevistada:** Não. A baiana também arrumada é bonito. Mas eu particularmente eu não gosto muito. Mas tem que usar, então eu uso. Não é aquele negócio de botar aqueles colar, aquelas coisas, com aquele negócio barangandã, eu não gosto não.

**Entrevistadora:** Mas por quê?

**Entrevistada:** Sei lá, eu acho esquisito. Não gosto não. Agora não, mas antigamente, logo quando eu iniciei aqui mesmo que eu comecei a conquistar as freguesia, aí a maioria das pessoas que encostava, aí dizia: "Ah Baiana, eu gosto de comprar na sua mão primeiro que sua mercadoria é boa e segundo porque você não usa aquelas coisas, aqueles barangandã, aqueles negócios que fica toda enfeitada." Porque tem pessoas que coloca aquela figa, um negócio assim grandão. Um bocado de papagaiada no tabuleiro e eu não uso essas coisas. Aí as pessoas apreciava muito e gostava, então aí juntou uma coisa com a outra. Eu não gostar do colar, das coisas e as pessoas aprovar e eu deixei como estava.

**Entrevistadora:** E que coisas não gosta do seu trabalho?

**Entrevistada:** O que eu não gosto do meu trabalho? É isso que está aqui agora, esse movimento parado, que você chega e o movimento para. É horrível. Aí você ficar esperando, chamando por Deus, chamando que o freguês venha. Às vezes o freguês passa até direto, ou então é o freguês chegar, sabe que o preço que eu

vendo não está caro, mas tem pessoas que perguntam: "Quanto é, Baiana?", "É tanto", "Ave Maria. Em tal lugar é tanto", poxa, então porque não foi comprar em tal lugar que é mais barato?

Ali em cima mesmo, no Pelourinho, o acarajé acho que é R\$3, R\$4. Eu vendo aqui acarajé de R\$2, R\$3. Oxente, tem muitas pessoas que acham que está caro. Eu não posso porque eu também tenho que valorizar a minha mercadoria, meu dinheiro. Eu vou botar barato para satisfazer eles, depois ele vêm e vão ser os primeiros a dizer: "Ela está vendendo ruim porque não presta". Entendeu? Aí não pode de jeito nenhum.

**Entrevistadora:** Você tinha outros trabalhos antes?

**Entrevistada:** Não, só esses daí mesmo que eu já trabalhei de casa de família, mas depois parei, fui ser dona de casa e depois fui ser Baiana de Acarajé.

**Entrevistadora:** Como que você pensa que os turistas ouvem a você?

**Entrevistada:** Como eu penso que eles?

**Entrevistadora:** Ouvem a você.

**Entrevistada:** Acredito que com o gesto, porque, como a maioria deles falam outras línguas, e eu não sei falar, eu tento, da minha maneira, explicar algumas coisas a eles. Acredito que tem muitos que entendem. [risos] Não são todos, mas muitos entendem. Bota aí.

**Participante:** R\$2, camarão fresco.

**Entrevistadora:** Como é a sua relação com as pessoas da Bahia?

**Entrevistada:** Bem--

**Participante:** Dá para ficar um bom tempo, só que a única coisa que não serve por muito tempo é a salada de vinagrete.

**Entrevistada:** É, lhe aconselho, se for para viagem, nem a salada, nem o carurú, que é o quiabo.

**Participante:** Que fica logo ruim.

**Entrevistada:** É para longe, é?

**Participante:** Estraga rápido.

**Entrevistada:** Avião ou ônibus?

**Participante:** Avião. [risos]

File name: VFOA Brazil M dG.MP3

**Participante:** Ah, mas avião a viagem é rapidinha.

**Entrevistada:** Ah, avião é rápido, agora--

**Participante:** Rio de Janeiro.

**Participante:** Ah, de avião é rápido.

**Entrevistada:** Para que dia é? Para hoje?

**Participante:** É, só que só vou chegar lá amanhã de manhã. Eu estou indo agora.

**Entrevistada:** Aí eu te aconselho você- porque não tenho vasilha, senão você colocava os ingredientes separados. Eu te aconselho levar ele, ou só com vatapá e o camarão, com a pimenta se você quiser, ou então puro.

**Participante:** Mas por quê? Fica frio?

**Entrevistada:** Não, porque aqui ela não aguenta, tomate azeda rápido e o caruru também.

**Participante:** Cinco horas mais ou menos?

**Entrevistada:** Olha, se for para ficar, assim, para o dia seguinte e essas coisas, lhe aconselho a não botar.

**Participante:** É porque chega até de manhã.

**Entrevistada:** Menino, uma saladinha até em casa você faz, você corta um tomatinho, [risos] bem mais fresquinho.

**Participante:** Eu sei, porque a graça seria levar pronto. [risos]

**Entrevistada:** É, você que sabe, viu?

**Participante:** A não ser que você tivesse uma vasilha térmica. Aí ia confundir ela até o horário que você chegasse lá no Rio.

**Participante:** Eu sei.

**Entrevistada:** Porque eu te digo, se for para demorar, e você for pegar em outro lugar e outras te dizerem: "Não, pode levar que fica bom". Aquilo é para ganhar, para vender.

**Participante:** Eu entendi.

**Entrevistada:** [risos]

**Participante:** O negócio é misturar, se misturar--

**Entrevistada:** É, se tivesse, pelo menos, se fosse para levar alguma coisa térmica, aí tudo bem que você fazia os compartimentos e botava, não é?

**Participante:** A coisa é nem a mistura, é o tempo, o tempo.

**Participante:** Se deixar embrulhadinho?

**Entrevistada:** Não. Aí não.

**Participante:** É, meu amigo, se estragar, joga fora.

**Entrevistada:** [risos] Sim, é verdade, já que você quer levar tudo, caso estragar, você tira o tomate porque não passa para a massa. Você tira o tomate se você achar que ele está azedo, e pronto.

**Entrevistadora:** Você estava falando de sua relação com as pessoas da Bahia.

**Entrevistada:** Minha relação com as pessoas são poucas porque eu não saio muito, então não-- São pouquíssimas.

**Entrevistadora:** Fale sobre a sua família. Você está casada?

**Entrevistada:** Separada.

**Entrevistadora:** Você mora sozinha?

**Entrevistada:** Não, moro com minha filha.

**Entrevistadora:** Fale de sua filha. Você tem somente uma filha ou tem mais filhas?

**Entrevistada:** Tenho sete. São cinco meninas e dois meninos.

**Entrevistadora:** E como são suas vidas, seus trabalhos?

**Entrevistada:** Meu trabalho é do dia a dia mesmo, levantar às seis da manhã, só termina depois que vai para casa, pronto, chegar em casa, tomar banho, cochilar, dizer que está assistindo alguma coisa e dormir, para no dia seguinte começar tudo de novo.

**Entrevistadora:** E seus filhos e filhas? Como são suas vidas?

**Entrevistada:** Minhas filhas trabalham. Em casa mesmo só tem duas e uma neta. Ela, o outro- a mais velha e o menino de 15 anos.

[conversa de fundo]



**Entrevistadora:** Quais são suas esperanças e expectativas para seus filhos e filhas?

**Entrevistada:** Uma vida melhor, que elas consigam um bom emprego como essa--  
[conversa de fundo]

**Entrevistada:** Esperança de uma vida, um futuro melhor para elas, que elas consigam um bom emprego e [unintelligible 00:22:28] batalha o tempo todo atrás de uma coisa melhor para fazer, está me ajudando aqui a tomar de uma criança no período da manhã, e à tarde ela está aqui comigo até aparecer uma coisa melhor para ela fazer.

**Entrevistadora:** Você está ensinando as suas filhas a fazer o que você faz?

**Entrevistada:** Não. Não incentivo não, porque é um trabalho muito desgastante e só a necessidade mesmo, então eu prefiro que elas sigam outro rumo. Algumas delas se quiser, tudo bem, é vontade delas, mas não que eu incentive para que elas façam. Por sinal, tem até uma que vende também, que tem a mesma coisa.

**Entrevistadora:** Você morou num outro estado?

**Entrevistada:** Morei onde?

**Entrevistadora:** Num outro estado?

**Entrevistada:** Não, foi aqui mesmo.

**Entrevistadora:** Você participa em algum grupo ou organização?

**Entrevistada:** Não.

**Entrevistadora:** Que tipo de relação você tem com as outras mulheres que trabalham na área?

**Entrevistada:** Eu tenho [unintelligible 00:23:51] não tenho muitas aproximações com elas não.

**Entrevistadora:** Você gostaria falar de algo mais que não falamos até agora?

**Entrevistada:** Falar dessa maluca aí. [ri] Estou brincando. Não, filha, não gostaria não. Fica quieta, Fernanda.

[conversa de fundo]

**Entrevistadora:** Alguma outra questão que você considera importante sobre a sua vida?



**Entrevistada:** Não, não. Só queria que melhorasse um pouquinho essa situação, mas um pouquinho de calma, quem sabe um dia não consiga.

**Entrevistadora:** Está bom. Obrigada por sua participação. Você pode falar comigo se você tem perguntas ou deseja agregar algo à sua contribuição. Muito obrigada.

**Entrevistada:** Nada.